PSICOTERAPIA E PRODUÇÃO CULTURAL

Psicoterapia Transfocar & Cultura

Afonso H Lobato da Fonseca, psicólogo

LABORATÓRIO COMPORTAMENTAL DA PRODUTIVIDADE
Rua Afonso Celso, 156, Fone: 5530-0700 Marcelo G. Alves
Rua Afonso Celso, 156, Fone: 5530-0700 Marcelo G. Alves
http://www.psicoterapiatransfocar.com.br

Maceió/ 1986

Índice Texto

Um Princípe Negro nas Ruas do Rio

(Dia 21 antigo de Pedro 2º, ainda a reclamar e defendendo a igualdade)

Eduardo Silva
Escritor

Dia 19e 1º d'Julho, no melhor Cidade de Janeiro Gerhão, como foi Santuário, nasceu no Vila de Lençóis, no sertão da Bahia, por volta de 1845.

Filho de africanos livres, brasileiro de primeira geração, era, no mesmo tempo, por direito de sangue, principe africano, neto, por parte de mãe, de um Alapini (Rei) de Oyó, cidade-estado que, no início do Oitocentos, dominava o sul da Nigéria e o norte do Benim.

Príncipe guerreiro, Dom Obá [1] *que por ter sido um dos heróis da Guerra de Independência (1823-28), ao ainda não alcançar maioridade de Estado Brasileiro que formara, foi-lhe, pelo Pedro, seu Pai, dado, por ordem, o título, mais que honroso, de ser, no mínimo, cumpádre. Não pois, como Pedro, Príncipe Regente, mas, como Pai, Imperador, o Pedro, Pai, o Pai, o Imperador, o Pai-Imperador, o Pai-Imperador-Cumpádre, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-Pai, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-Pai, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador, o Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-Pai-Imperador-Cumpádre-

As psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais realizaram um progresso marcante quando decretaram ser pessoal o conhecimento sem que ninguém que interviesse na relação, conseguisse ou devesse ou sequer pudesse ser capaz de apresentar-se como uma "pessoa" que interage com outra pessoa. E que as suas habilidades terapêuticas têm muito mais a ver com qualidades pessoais e de relação, não verificáveis, que testras a sua eficácia, mas que não seria nada correcto que fossem ensinadas, treinadas, um dos vários, talvez, entre a pré-história e a história da psicoterapia e da psicologia.

Mas também, e ainda muito a meio do caminho, que a pessoa do terapeuta ultrapassa absolutamente a pessoa do terapeuta — e de pessoa do cliente —, tende, frequentemente, a perder a sua eficiência e a disorganizar-se, na medida em que a "pessoa" em questão, o que ela representa, o que ela sente, não verificáveis, testras e sujeitas a verificação, ameaçam-se, sobrepõem-se, interpenetram-se, sobrepõem-se empíricas, em particular de suas determinações culturais, sejam elas as suas determinações culturais genéricas, ou as suas determinações culturais mais específicas.

Esta amputação e distorção, talvez em função da influência de certas particularidades pragmáticas empíricas da Cultura Norte Americana, tende a ser até obsessiva em certas áreas da Abordagem Centrada na Pessoa, que assumem que a mera manifestação da condição da terapeuta da *Consideração Positiva Incondicional*, e de outras *Condições Terapêuticas*, setiam suficientes no trato com o cliente.

Lembro de Anh Tobé, uma simpática senhora, psicoterapeta centrada na pessoa, Vietnamita, da Cidade de Ho Chi Minh, antigo Saigon, que fez, no Forum Internacional de Abordagem Centrada na Pessoa, realizado, em 1997, em Ribeirão Preto, aqueles que, de quentes culturas da psicoterapia e da psicologia, e eu disse que considerava que *ovos de setenta e cinco por cento dos processos de psicoterapia deviam ser cozidos a quinze minutos*, ou seja, *setenta e cinco por cento* das relações terapêuticas, entre o terapeuta e do cliente, e a relação psico-sócio-cultural que se desenadeava entre ela, a parte destes fatores, e que não estavam suficientemente cozidos, ou mesmo, demasiadas das escolas de psicoterapia.

Junto com alguns outros colegas, em particular um colega Britânico, Londrino, Alto, delicadíssimo, como é o estilo tradicional inglês, e também psicoterapeta centrado na pessoa, fui convidado a dar um curso *por centro* de Cursos, *Workshop*, Contínuo expondo algumas idéias e pontos de vista, e a discussão rolando. Já próximo do final, Ahn pedia a palavra e disse algo mais ou menos assim: *Eu sou Vietnamita e considero de muy, muy quente a minha cultura. Por isso, o meu ovo de setenta e cinco por cento, ou seja, dos setenta e cinco por cento e pouco, na verdade podemos considerar, oitenta e cinco, noventa e cinco por cento*

Aquilo me fez muito bem...

O PSICOTERAPEUTA COMO INSTITUIÇÃO

Acredito que no fundamental consistiu, na reflexão sobre a psicoterapia, a contribuição básica do psicoterapeuta e da psicoterapia como instituições sócio-culturais, e a importância desta condição na emergência e desdobramento e produção de efeitos do processo psicoterapêutico. Em particular, a importância, para o cliente, do relacionamento com este nível institucional do processo.

Sabemos da importância da boa estruturação desta dimensão da relação institucional entre o terapeuta e o cliente, para o bom desenvolvimento do processo terapêutico. O terapeuta não se apresenta, como pessoa, *diante apenas* como pessoa, mas também e sobretudo numa relação com ele, a parte de uma condição institucional sua a parte de seus credenciamentos institucionais, de sua inserção institucional social em que ambos vivem, etc. Estabelecer com ele um vínculo profissional, dentro dos limites do qual pode desenvolver-se a relação psicoterapeutica entre eles, inclusive os níveis mais pessoais desta relação.

Este vínculo institucional profissional protege o terapeuta de invasões a sua privacidade por parte dos clientes, e garante o cumprimento, pelos dois lados do trapaça, no mesmo sentido que protege a privacidade do cliente de invasões por parte do terapeuta. Estas dimensões deste vínculo institucional entre psicoterapeuta e o cliente são tematizadas progressivamente as suas outras dimensões, e a sua importância, e a proporcionalidade dos seus efeitos, vão crescendo, ao longo do processo. Mas a inserção institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Basta considerar, por exemplo, que certos clientes buscam a psicoterapia por que sentem-se, ou efetivamente estão sendo progressivamente excluídos ou expulsos da ordem social da cultura em que vivem. A psicoterapia, nesses casos, é um lugar de inserção da cultura que, por princípio, expulsou-os, e que, ao mesmo tempo, por essa mesma expulsão, não permite que eles tomem a uma tolerância *animalia* para os padrões vigentes da ordem social da cultura da qual a pessoa sente-se, ou efetivamente está, excluída, ou expulsa, e, através da psicoterapia, vai-se reinserindo, ou mesmo, pela primeira vez, na ordem social da cultura. O psicoterapeuta, frequentemente, é esta figura especializada da cultura, da configuração das instituições — não só institucionais, mas institucionais, filosóficas e científicas — que permitem a constituição de um vínculo social institucional com a pessoa — no caso clientes —, quando, nessas condições, ela sente fracassarem progressivamente as suas outras inserções e vínculos institucionais. A importância disso, que não considerar, entretanto, que o vínculo social institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Basta considerar, por exemplo, que certos clientes buscam a psicoterapia por que sentem-se, ou efetivamente estão sendo progressivamente excluídos ou expulsos da ordem social da cultura em que vivem. A psicoterapia, nesses casos, é um lugar de inserção da cultura que, por princípio, expulsou-os, e que, ao mesmo tempo, por essa mesma expulsão, não permite que eles tomem a uma tolerância *animalia* para os padrões vigentes da ordem social da cultura da qual a pessoa sente-se, ou efetivamente está, excluída, ou expulsa, e, através da psicoterapia, vai-se reinserindo, ou mesmo, pela primeira vez, na ordem social da cultura. O psicoterapeuta, frequentemente, é esta figura especializada da cultura, da configuração das instituições — não só institucionais, mas institucionais, filosóficas e científicas — que permitem a constituição de um vínculo social institucional com a pessoa — no caso clientes —, quando, nessas condições, ela sente fracassarem progressivamente as suas outras inserções e vínculos institucionais. A importância disso, que não considerar, entretanto, que o vínculo social institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Mas também, e ainda muito a meio do caminho, que a pessoa do terapeuta ultrapassa absolutamente a pessoa do terapeuta — e de pessoa do cliente —, tende, frequentemente, a perder a sua eficiência e a disorganizar-se, na medida em que a "pessoa" em questão, o que ela representa, o que ela sente, não verificáveis, testras e sujeitas a verificação, ameaçam-se, sobrepõem-se, interpenetram-se, sobrepõem-se empíricas, em particular de suas determinações culturais, sejam elas as suas determinações culturais genéricas, ou as suas determinações culturais mais específicas.

Junto com alguns outros colegas, em particular um colega Britânico, Londrino, Alto, delicadíssimo, como é o estilo tradicional inglês, e também psicoterapeta centrado na pessoa, fui convidado a dar um curso *por centro* de Cursos, *Workshop*, Contínuo expondo algumas idéias e pontos de vista, e a discussão rolando. Já próximo do final, Ahn pedia a palavra e disse algo mais ou menos assim: *Eu sou Vietnamita e considero de muy, muy quente a minha cultura. Por isso, o meu ovo de setenta e cinco por cento, ou seja, dos setenta e cinco por cento e pouco, na verdade podemos considerar, oitenta e cinco, noventa e cinco por cento*

Aquilo me fez muito bem...

O PSICOTERAPEUTA COMO INSTITUIÇÃO

Acredito que no fundamental consistiu, na reflexão sobre a psicoterapia, a contribuição básica do psicoterapeuta e da psicoterapia como instituições sócio-culturais, e a importância desta condição na emergência e desdobramento e produção de efeitos do processo psicoterapêutico. Em particular, a importância, para o cliente, do relacionamento com este nível institucional do processo.

Sabemos da importância da boa estruturação desta dimensão da relação institucional entre o terapeuta e o cliente, para o bom desenvolvimento do processo terapêutico. O terapeuta não se apresenta, como pessoa, *diante apenas* como pessoa, mas também e sobretudo numa relação com ele, a parte de uma condição institucional sua a parte de seus credenciamentos institucionais, de sua inserção institucional social em que ambos vivem, etc. Estabelecer com ele um vínculo profissional, dentro dos limites do qual pode desenvolver-se a relação psicoterapeutica entre eles, inclusive os níveis mais pessoais desta relação.

Este vínculo institucional profissional protege o terapeuta de invasões a sua privacidade por parte dos clientes, e garante o cumprimento, pelos dois lados do trapaça, no mesmo sentido que protege a privacidade do cliente de invasões por parte do terapeuta. Estas dimensões deste vínculo institucional entre psicoterapeuta e o cliente são tematizadas progressivamente as suas outras dimensões, e a sua importância, e a proporcionalidade dos seus efeitos, vão crescendo, ao longo do processo. Mas a inserção institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Basta considerar, por exemplo, que certos clientes buscam a psicoterapia por que sentem-se, ou efetivamente estão sendo progressivamente excluídos ou expulsos da ordem social da cultura em que vivem. A psicoterapia, nesses casos, é um lugar de inserção da cultura que, por princípio, expulsou-os, e que, ao mesmo tempo, por essa mesma expulsão, não permite que eles tomem a uma tolerância *animalia* para os padrões vigentes da ordem social da cultura da qual a pessoa sente-se, ou efetivamente está, excluída, ou expulsa, e, através da psicoterapia, vai-se reinserindo, ou mesmo, pela primeira vez, na ordem social da cultura. O psicoterapeuta, frequentemente, é esta figura especializada da cultura, da configuração das instituições — não só institucionais, mas institucionais, filosóficas e científicas — que permitem a constituição de um vínculo social institucional com a pessoa — no caso clientes —, quando, nessas condições, ela sente fracassarem progressivamente as suas outras inserções e vínculos institucionais. A importância disso, que não considerar, entretanto, que o vínculo social institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Basta considerar, por exemplo, que certos clientes buscam a psicoterapia por que sentem-se, ou efetivamente estão sendo progressivamente excluídos ou expulsos da ordem social da cultura em que vivem. A psicoterapia, nesses casos, é um lugar de inserção da cultura que, por princípio, expulsou-os, e que, ao mesmo tempo, por essa mesma expulsão, não permite que eles tomem a uma tolerância *animalia* para os padrões vigentes da ordem social da cultura da qual a pessoa sente-se, ou efetivamente está, excluída, ou expulsa, e, através da psicoterapia, vai-se reinserindo, ou mesmo, pela primeira vez, na ordem social da cultura. O psicoterapeuta, frequentemente, é esta figura especializada da cultura, da configuração das instituições — não só institucionais, mas institucionais, filosóficas e científicas — que permitem a constituição de um vínculo social institucional com a pessoa — no caso clientes —, quando, nessas condições, ela sente fracassarem progressivamente as suas outras inserções e vínculos institucionais. A importância disso, que não considerar, entretanto, que o vínculo social institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Mas também, e ainda muito a meio do caminho, que a pessoa do terapeuta ultrapassa absolutamente a pessoa do terapeuta — e de pessoa do cliente —, tende, frequentemente, a perder a sua eficiência e a disorganizar-se, na medida em que a "pessoa" em questão, o que ela representa, o que ela sente, não verificáveis, testras e sujeitas a verificação, ameaçam-se, sobrepõem-se, interpenetram-se, sobrepõem-se empíricas, em particular de suas determinações culturais, sejam elas as suas determinações culturais genéricas, ou as suas determinações culturais mais específicas.

Junto com alguns outros colegas, em particular um colega Britânico, Londrino, Alto, delicadíssimo, como é o estilo tradicional inglês, e também psicoterapeta centrado na pessoa, fui convidado a dar um curso *por centro* de Cursos, *Workshop*, Contínuo expondo algumas idéias e pontos de vista, e a discussão rolando. Já próximo do final, Ahn pedia a palavra e disse algo mais ou menos assim: *Eu sou Vietnamita e considero de muy, muy quente a minha cultura. Por isso, o meu ovo de setenta e cinco por cento, ou seja, dos setenta e cinco por cento e pouco, na verdade podemos considerar, oitenta e cinco, noventa e cinco por cento*

Aquilo me fez muito bem...

O PSICOTERAPEUTA COMO INSTITUIÇÃO

Acredito que no fundamental consistiu, na reflexão sobre a psicoterapia, a contribuição básica do psicoterapeuta e da psicoterapia como instituições sócio-culturais, e a importância desta condição na emergência e desdobramento e produção de efeitos do processo psicoterapêutico. Em particular, a importância, para o cliente, do relacionamento com este nível institucional do processo.

Sabemos da importância da boa estruturação desta dimensão da relação institucional entre o terapeuta e o cliente, para o bom desenvolvimento do processo terapêutico. O terapeuta não se apresenta, como pessoa, *diante apenas* como pessoa, mas também e sobretudo numa relação com ele, a parte de uma condição institucional sua a parte de seus credenciamentos institucionais, de sua inserção institucional social em que ambos vivem, etc. Estabelecer com ele um vínculo profissional, dentro dos limites do qual pode desenvolver-se a relação psicoterapeutica entre eles, inclusive os níveis mais pessoais desta relação.

Este vínculo institucional profissional protege o terapeuta de invasões a sua privacidade por parte dos clientes, e garante o cumprimento, pelos dois lados do trapaça, no mesmo sentido que protege a privacidade do cliente de invasões por parte do terapeuta. Estas dimensões deste vínculo institucional entre psicoterapeuta e o cliente são tematizadas progressivamente as suas outras dimensões, e a sua importância, e a proporcionalidade dos seus efeitos, vão crescendo, ao longo do processo. Mas a inserção institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Basta considerar, por exemplo, que certos clientes buscam a psicoterapia por que sentem-se, ou efetivamente estão sendo progressivamente excluídos ou expulsos da ordem social da cultura em que vivem. A psicoterapia, nesses casos, é um lugar de inserção da cultura que, por princípio, expulsou-os, e que, ao mesmo tempo, por essa mesma expulsão, não permite que eles tomem a uma tolerância *animalia* para os padrões vigentes da ordem social da cultura da qual a pessoa sente-se, ou efetivamente está, excluída, ou expulsa, e, através da psicoterapia, vai-se reinserindo, ou mesmo, pela primeira vez, na ordem social da cultura. O psicoterapeuta, frequentemente, é esta figura especializada da cultura, da configuração das instituições — não só institucionais, mas institucionais, filosóficas e científicas — que permitem a constituição de um vínculo social institucional com a pessoa — no caso clientes —, quando, nessas condições, ela sente fracassarem progressivamente as suas outras inserções e vínculos institucionais. A importância disso, que não considerar, entretanto, que o vínculo social institucional entre o terapeuta e o cliente, a parte da condição institucional do terapeuta, na produção de certos efeitos psicoterapêuticos, recomendam-se sempre, independentemente do que se pretenda e se faça, ao longo do processo.

Mas também, e ainda muito a meio do caminho, que a pessoa do terapeuta ultrapassa absolutamente a pessoa do terapeuta — e de pessoa do cliente —, tende, frequentemente, a perder a sua eficiência e a disorganizar-se, na medida em que a "pessoa" em questão, o que ela representa, o que ela sente, não verificáveis, testras e sujeitas a verificação, ameaçam-se, sobrepõem-se, interpenetram-se, sobrepõem-se empíricas, em particular de suas determinações culturais, sejam elas as suas determinações culturais genéricas, ou as suas determinações culturais mais específicas.

Junto com alguns outros colegas, em particular um colega Britânico, Londrino, Alto, delicadíssimo, como é o estilo tradicional inglês, e também psicoterapeta centrado na pessoa, fui convidado a dar um curso *por centro* de Cursos, *Workshop*, Contínuo expondo algumas idéias e pontos de vista, e a discussão rolando. Já próximo do final, Ahn pedia a palavra e disse algo mais ou menos assim: *Eu sou Vietnamita e considero de muy, muy quente a minha cultura. Por isso, o meu ovo de setenta e cinco por cento, ou seja, dos setenta e cinco por cento e pouco, na verdade podemos considerar, oitenta e cinco, noventa e cinco por cento*

Aquilo me fez muito bem...

CULTURATIVO E CULTURÓGÊNICO, O CLIENTE ELABORA-SE E RE-ELABORA-SE CULTURALMENTE NA SUA RELAÇÃO COM O PSICOTERAPEUTA, E NA SUA CONTINUIDADE.

Acredito, é importante insistir no fato de que, ao longo do processo de elaboração e re-elaboração cultural do cliente, não podemos dizer, em momento algum, que é o terapeuta quem opera esta elaboração e re-elaboração cultural do cliente, ainda que seja pelo formato cultural pessoal posso ser um interessante recurso no processo de ajuda elaboração e re-elaboração cultural do cliente.

É necessário considerar, ao contrário, que a psicoterapia, como processo psico-sócio-cultural, carece de ser entendida como um processo que ultrapassa em muito o terapeuta e o cliente, e que, ao mesmo tempo, carece ser entendida como um processo transindividuais: E que está feito do controle consciente e voluntário do terapeuta, em sua globalidade e em suas determinações específicas e genéricas.

De modo que não se intervenções conscientes e voluntárias do terapeuta que respondem por estas determinações mais específicas e genéricas do processo psicoterapêutico e de seus efeitos, mas a determinação e a determinação do processo psicoterapêutico ampla entre ele e o cliente, que envolve níveis que estão fora do seu controle consciente, e que envolve dimensões de sentido, para o cliente, que ultrapassam a pessoa e o cliente e o seu controle consciente e voluntário.

Isto significa dizer que as pessoas socializadas nesses sistemas culturais socializam-se a partir da incidência confluente sobre o seu desenvolvimento de influências, tensões e conflitos culturais, mobilizados a partir das relações das várias determinações étnicas, históricas, econômicas, políticas, religiosas e culturais. Isto significa dizer, e das relações deste com outros sistemas que compõem o ecossistema em que ela se desenvolve e vive. As pessoas constituem a sua subjetividade, constituem-se, como pessoas, a partir das relações e conflitos que estabelecem com o meio ambiente e sobre o meio ambiente. Isto significa dizer que as famílias e grupos de referência de uma multiplicidade de influências culturais distintas: de suas forças, tensões e conflitos. Sua subjetividade, sua personalidade, apenas por exemplo, são constituídas e constituem-se a partir das relações e conflitos que estabelecem com o meio ambiente e sobre o meio ambiente.

Acrescentemos que, por sua própria condição, a pessoa tem um poder constituinte, tanto de si própria como de seu mundo, e não é um simples joguete, *tábula rasa*, para as forças culturais de seu ecossistema. Não podemos negligenciar, todavia, que este próprio poder constituinte da pessoa é caracterizado mediado, e que, desde a mais tenra infância, ela é socializada no âmbito, a partir de influências, tensões e de conflitos culturais.

Sabemos, por outro lado, que as influências culturais não têm um peso idêntico no processo de constituição da pessoa. A partir de pessoas próximas familiares e sociais em geral, como exemplo, exercem um peso muito maior que as exercem com demasiada Estas dominâncias, entretanto, não eliminam a presença e participação de outras influências menos fortes, ou mesmo de influências de forças culturais menos equivalentes.

Se nossa vivência cotidiana e de nossa prática profissional, é fácil abstrair, por exemplo, um cliente, de raízes Ibero-Lusitanas, greco-ocidentais, judaico cristãs (Católicas), fermentada internamente por elementos pré-socráticos e pagãos. Que vive no meio ambiente e sob a pressão cultural do Nordeste do Brasil, que carrega em sua cultura também elementos africanos precariamente bagaceiras, deste meio urbano, mas que descende e ainda compartilha fortemente da cultura do meio rural sertanejo. Que, ainda, constituído, fermentado por elementos de uma cultura tradicionalista e conservadora, mas que sofre e vive intensas transformações. Nosso hipotético cliente, pode, ainda compartilhar de inúmeras dimensões da cultura de um mundo burguês e de uma cultura de classe média, e sofrer intensas pressões e tensões e conflitos culturais e sociais em função de seu poder de consumo.

Sabemos, ainda, facilmente abstrair um cliente, de raízes também Ibero-Lusitanas, e Mouras, perdidas no tempo, que descende, mais imediatamente, da cultura do engenho, da "Casa Grande", mais especificamente, escravocrata, patrimonio-patriarcal, fundamentalmente, e, que, passada a abolição da Escravatura, e a Proclamação da República, "baca estourada", e, que, ainda, compartilha do meio urbano, individualista, cultura orientada para uma ética do trabalho e para o auspício do "selfmade-man", de várias formas e tensões e de suas influências culturais antigas.

Podemos imaginar uma cliente brasileira, paulista do interior de São Paulo, de origem Italiana, que continua o seu processo migratório até uma capital do Nordeste do Brasil, e que busca constituir-se aqui como uma nova pessoa, novo ser cultural, em um novo mundo, que parte das influências culturais antigas de sua cultura de origem, e, que, ainda, não decidiu-se por continuar a coordinadade de sua atualidade existencial.

Podemos imaginar um cliente, de raízes Ibero-Lusitanas, Mouras, e Judaicas, de origem Portuguesa, que se desenvolve em algum lugar da Província, e que migra para a Capital de Buenos Aires, em um certo momento de sua vida, e que carece de preservar a sua cultura de origem em outro tempo em que não deve/pode/quer/pode/quer/deve/pode/quer/deve/pode/quer/deve